

# Comerciantes limpam fachada de prédio histórico

CMP 2.1.4 355

AUGUSTO DE PASVA

MARIA TERESA COSTA

A construção do final do século 19 projetada para ser a casa do Barão de Ataliba Nogueira, que já foi hotel e cortiço e que hoje, restaurada, abriga o Centro Cultural Victoria, começa a ser vista em sua totalidade. Os comerciantes instalados no andar térreo do prédio chegaram a um acordo com a Prefeitura e iniciaram a despoluição visual da fachada do prédio. No final de semana, a Takky Modas retirou as placas de alumínio e os letreiros e se não chover hoje será derrubada a marquise, enquanto os outros comerciantes esperam o próximo final de semana para começar trabalho semelhante. Em um mês pretendem implantar o projeto aprovado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (Condepacc), pintando a fachada de ocre, colocando os logotipos das lojas em tamanho menor para garantir a visualização do prédio e todos colocarão toldos azuis. Os seis comerciantes instalados no térreo do Centro Cultural Victoria são os primeiros que, em bloco, decidem participar do projeto de despoluição.

A iniciativa não é espontânea. Há pelo menos quatro anos, o Condepacc vem tentando convencê-los a limpar a fachada do prédio tombado, mas sem muito sucesso, na medida em que não existe lei que obrigue os comerciantes a depoluir as fachadas. "O que estamos conseguindo foi na base de muita conversa, de convencer os comerciantes da necessidade de preservar o prédio em sua totalidade", diz a técnica da Coordenadoria de Patrimônio Cul-

tural, Ana Villanueva. A conversa deu certo e no sábado, embalados pela discussão sobre a revitalização do centro da cidade, a retirada dos letreiros começou na Takky Modas. Lá ficou a estrutura que apoiava os letreiros e que deve ser retirada hoje. Ao lado, a Bunny's só espera o orçamento de quanto terá de gastar, para mudar as placas de alumínio que cobrem toda a fachada. "Achamos que ficará mais bonito o prédio, estamos dando nossa cota de participação, mas queremos também que a Prefeitura nos dê mais segurança na área", diz o gerente de Vendas da Bunny's, Flávio Nunes. Segundo ele não adiante apenas embelezar o Centro ou o prédio, se o calçadão continua sujo, sem segurança e o restante do comércio despreocupado com a despoluição.

O proprietário do Café Fórum, Luiz Sung, disse ontem que vai retirar a placa de alumínio que encobre o andar térreo do prédio porque a Prefeitura está pressionando a isso, mas que se dependesse dele, não mexeria. "O letreiro meu é pequeno, está bonitinho, é novo, mas vou ter de gastar dinheiro para fazer o que a Prefeitura quer", diz. O gerente da Rico Lotérico, Luiz Celso Scemin, está programando a retirada da placa de alumínio e do luminoso no final de semana, para não atrapalhar o movimento da lotérica. "O prédio vai ficar mais valorizado e mais bonito e só vamos fazer o cálculo de quanto vamos gastar com a pintura e a compra do toldo para fazer a nossa parte", diz.



Centro Cultural Victoria, no centro da cidade: retirada de painéis permite a visualização da arte em sua construção

## Custos atrasam despoluição visual do Centro

A despoluição visual do centro de Campinas é um projeto que vem conseguindo alguns sucessos, mas de forma isolada. O Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (Condepacc) já havia conseguido anteriormente sensibilizar alguns comerciantes para limpar as fachadas, como aconteceu com a Mongoose, McDonald, Outsubo e Magazine Luiza, que ao invés de optar pela placa de alumínio que acaba encobrendo toda a fachada, utilizaram pequenos letreiros em néon. No Centro Cultural Victoria a discussão tem sido mais longa por causa da resistência do comércio em arcar com custos

para implantar projeto definido pelo Condepacc.

O conselho, junto com a Coordenadoria do Patrimônio Cultural, chegou a desenhar a publicidade que os comerciantes poderiam utilizar para garantir seus anúncios e ao mesmo tempo liberarem a fachada do prédio. Este projeto define que o nome do estabelecimento afixado na parede não tenha mais que 20 centímetros de altura, mantendo os logotipos de cada loja e a visualização dos elementos decorativos originais da fachada. Como único elemento estranho ao prédio, foi autorizada a instalação de toldos, todos em azul-rosal.

## Retirada de painéis torna decoração visível

A retirada dos letreiros do andar térreo do Centro Cultural Victoria já está deixando ver alguns elementos decorativos do prédio que durante anos ficaram escondidos. Começa a ser possível ver como era a casa do Barão Ataliba Nogueira que foi projetada no século 19 para abrigar, no pavimento térreo, o comércio. Em 1942 o prédio perdeu sua função residencial, instalou-se no local o Hotel Victoria e quatro anos depois sofreu sua primeira grande reforma, ganhando o aspecto que tem atualmente. A reforma am-

pliou de 20 para 42 quartos e elevou o Victoria à categoria de hotel de luxo, tornando-o mais conhecido.

Nas décadas seguintes se transformou em ponto de encontro das intelectualidades campineira e paulistana. A família Frigeni, proprietária do hotel, repassou o ponto e o hotel continuou a funcionar até meados dos anos 80, mas dentro de uma nova dinâmica, sem oferecer o mesmo padrão de qualidade anterior. Em 1985, a preca-

riedade dos sistemas hidráulico e elétrico levou à interdição do prédio. Mesmo interditado, foi transformado em pensão clandestina e acabou sendo lacrado. Entidades culturais lançaram um movimento pela preservação do prédio e o edifício acabou sendo tombado. Surgiram então propostas de utilização cultural do espaço e foi nesse movimento que apostou o Projeto Victoria, idealizado por Neusa Alves da Silva e João Bacellar, do Cineclube Barão, e patrocinado pelo Banco Nacional.